

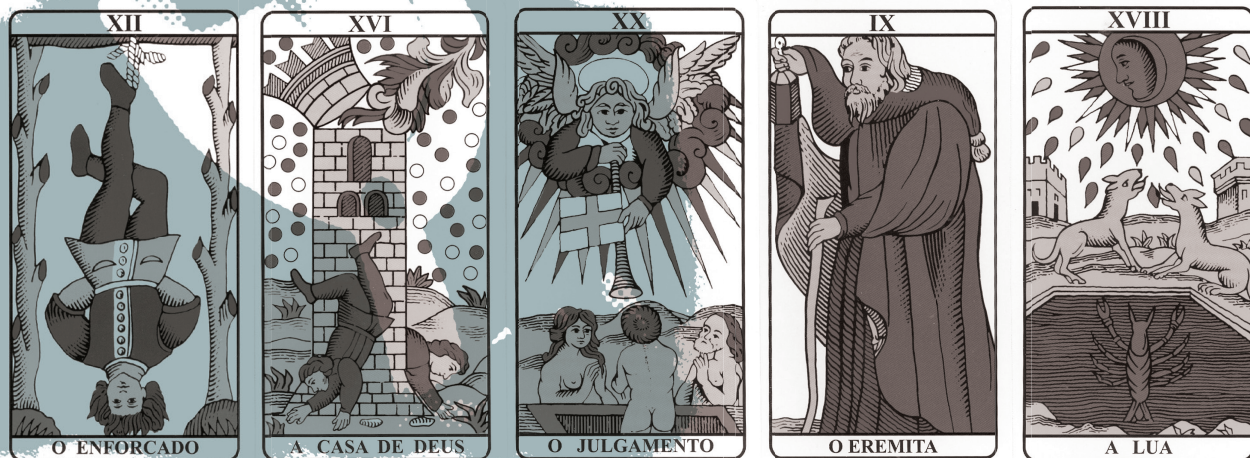
CAPA

# A RODA DA FORTUNA

EM MAIS UM AGOSTO TENSO DA HISTÓRIA,  
AS CARTAS DO *IMPEACHMENT* VÃO À MESA

por ANDRÉ BARROCAL

**A**GOSTO COSTUMA trazer maus pres-  
ságios na política brasileira. Sob  
cerco implacável dos inimigos, Ge-  
túlio Vargas encerrou sua presi-  
dência e “saiu da vida para entrar  
na história” com um tiro no peito  
em uma manhã de agosto de 1954.  
Também no mesmo mês, em 1976, o  
ex-presidente Juscelino Kubitschek  
encontrou o destino em um desastre de carro, interrupção de  
seu sonho de voltar ao poder em um futuro pós-ditadura. Em  
1992, as passeatas pelo *impeachment* de Fernando Collor to-  
maram as ruas, um mês antes da cassação. E em 2015? As car-  
tas estão na mesa, mas o futuro se desenha muito mais in-  
certo. Embora muitos se seduzam pela tentação de encontrar



JOSH EDELSON/AFP E YASUYOSHI CHIBA/AFP



um ponto comum entre tantos agostos de nossa história, as circunstâncias atuais estão longe de validar a aposta no *impeachment* de Dilma Rousseff. Para começar, nem a oposição se entende sobre a melhor estratégia: derrubar a petista ou manter o cerco até o fim do mandato?

Contudo, uma insólita combinação, em parte urdida, em parte fruto do acaso, promete chacoalhar o País nas próximas semanas, com desfecho imprevisível. Desemprego e inflação em alta, PIB e salários em baixa, denúncias criminais contra expoentes do Congresso, a sucessão do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, o julgamento das “pedaladas fiscais” do governo e a oposição a apostar todas as fichas no *impeachment*, não sem avisos de reação entre os apoiadores da presidenta. Pior: em um ambiente no qual falta o estadista, o ser capaz de organizar as forças em conflito, aqueles que nos arcanos do Tarô são representados pela imperatriz ou imperador, pelo papa ou papisa.

A fervura atingirá o ápice na segunda quinzena do mês, com uma coincidência nada aleatória. Organiza-se para o domingo 16 outra passeata “Fora Dilma”, ocasião em que o senador tucano Aécio Neves espera ver uma multidão nas ruas capaz de convencer a maioria do Congresso a entregar a cabeça da



## DILMA ROUSSEFF

Quanto mais fortes aflorarem as características do **Eremita** (isolamento, mutismo) e do **Enforcado** ou **Pendurado** (passividade), maiores os riscos das características da **Torre** (Desmoronamento, cataclisma). Seria um erro deixar-se enganar por uma eventual **Lua** (imaginação de um lado, falso saber e vidência histórica de outro). **O Julgamento**, que gera ruído e alvoroço, embora possa vir a ser um despertar e um sopro redentor, está em outras mãos

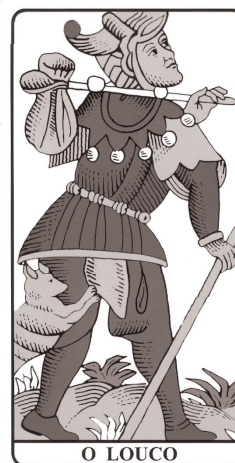


## MANIFESTAÇÕES

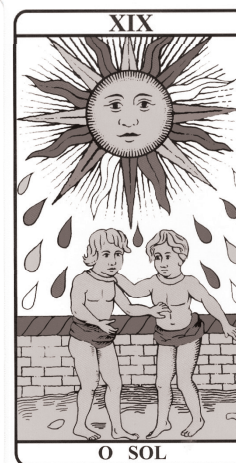
O Tarô exhibe duas cartas aos defensores do *impeachment*.

**O Sol** significa vitalidade e alegria, o que os manifestantes parecem exibir nas ruas, mas também pose e fanfarronice. **O Louco** simboliza impulsividade, inconsciência e alienação...

Faz sentido



O LOUCO



O SOL

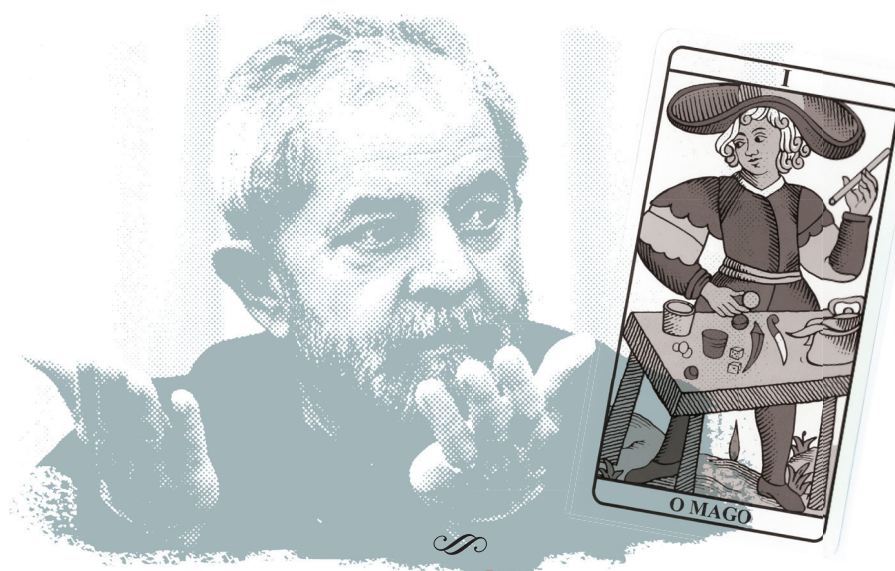
petista. O pretexto para a abertura de um processo de *impeachment* será dado talvez na semana seguinte, por obra do Tribunal de Contas da União, prestes a se pronunciar sobre as contas do governo de 2014.

As manifestações anti-Dilma são organizadas pelas mesmas entidades por trás das marchas anteriores, ocorridas em março e abril. Apesar do fracasso da última, quando haviam desistido de repetir os atos, entidades como MBL, Vem Pra Rua e Revoltados Online voltam à cena, convocados por Aécio. A novidade é justamente o PSDB, ou parte dele, engrossar de peito aberto o movimento. Se antes adotara postura envergonhada, até distante, a legenda agora rasga a fantasia. Seus líderes na Câmara, Carlos Sampaio, e no Senado, Cássio Cunha Lima, defendem os protestos. A propaganda partidária gratuita do partido

exibida em breve no rádio e na tevê pretende convocar os “cidadãos de bem” a integrar as marchas. Os vídeos apelam não só ao eleitor de Aécio nas últimas eleições, mas aos dilmistas arrependidos. “Somos hoje porta-vozes do sentimento de indignação”, brada o mineiro.

dealizadores do “Fora Dilma” esforçam-se por constranger opositores comedidos, entre eles tucanos paulistas, e governistas hesitantes. Inspiração de Aécio, cujos assessores reuniram-se à farta com a turma? No Facebook, o MBL garante: “Se diz oposição? Então apoia o *impeachment*”. O Vem Pra Rua busca embaraçar o PMDB, partido sem o qual não se governa nem se derruba. “A chama do PMDB não deixa o PT apagar. Nas próximas eleições, não vote no PMDB”, prega o grupo nas redes sociais.





LULA

*O Mágico ou O Mago, no fundo a causa primeira de tudo*

A relação dos manifestantes com o PMDB é esquizofrênica. Uma das razões invocadas para depor a mandatária é a corrupção. Mas nos últimos tempos nenhuma autoridade se enrolou tanto na ética quanto o maior expoente peemedebista do primeiro semestre. Eduardo Cunha, presidente da Câmara, foi acusado de cobrar 5 milhões de dólares em propina na Petrobras. Um vídeo com a acusação corre a internet. Significa que o deputado tem de se preocupar com as iminentes passeatas? Nem um pouco. “Não vamos para cima do Cunha no dia 16. Ele tem um papel importante. Nosso foco é o *impeachment*”, disse à imprensa Carla Zambelli, líder de um grupo que se define “contra a corrupção”, o Nas Ruas.

**Q**uando as marchas ocorrerem, Cunha possivelmente terá sido denunciado à Justiça por Janot pelo crime de corrupção. Aliás, ele e um grupo de parlamentares enrolados em desfalques na Petrobras, inclusive o presidente do Senado, Renan Calheiros. O presidente da Câmara deu mostras de que não aceitará quieto seu infortúnio. É

de briga, como disse em um convescote na segunda-feira 27 em São Paulo organizado pelo tucano João Dória Júnior, *promoter* que pretende se candidatar à prefeitura de São Paulo. A maior vitória arquitetada contra o governo, a

quem considera responsável pela ação de Janot, seria a destituição de Dilma.

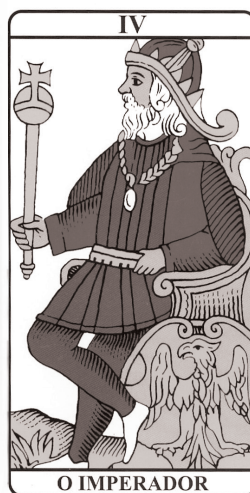
No roteiro da oposição contra a petista sobram digitais do peemedebista. Ao romper com o governo, Cunha de imediato devolveu 12 pedidos de *impeachment* aos autores, para estes capricharem na papelada. O costume é o presidente da Câmara, porta de entrada dos pedidos no Congresso, engavetar os inconsistentes. Mais: ao desenhar a pauta para o início de agosto, na volta do recesso, o parlamentar listou as contas de governos há anos pendentes de votação. Processos referentes aos mandatos de Collor (1992), Fernando Henrique (2002) e Lula (2006 e 2008). Motivo? Preparar o terreno para o exame das contas de Dilma de 2014, pivô da estratégia para tirar a petista do poder.

O roteiro começa pelo relatório do TCU, pretexto para a abertura de um processo de *impeachment*. No caso, por crime de responsabilidade, com base nas “pedaladas”. Nos últimos dias, uma ofensiva do Planalto tenta convencer

## OPOSIÇÃO

*O Carro* representa as ambições justificadas, vanglória, megalomania. E, interessante, governo ilegítimo, usurpação. *A Força* denota conquistas violentas. Não se engane com *A Estrela*. Ela tanto pode ser esperança e confiança quanto falta de vergonha, desdor e levandade





os ministros do tribunal, o Congresso e a opinião pública de que nada se fez em 2014 que não tenha sido praticado antes sem reparos. Será uma surpresa se a pressão dobrar o relator, Augusto Nardes. Ex-deputado, Nardes é adversário ideológico do PT. À frente do tribunal em 2013 e 2014, privilegiou auditorias em ações federais. Nasceu e criou-se no partido da ditadura, a Arena, e seus filhotes, o extinto PDS e o atual PP. Esse último é campeão de investigados no esquema da Petrobras e desespera-se com o fato de o Planalto deixar as apurações andarem livremente. No Congresso, conta um ministro, muita gente acha

que basta Dilma cair para a Lava Jato morrer. Fala-se mais. Se Aécio assumir-se a Presidência, o governo botaria um freio nas investigações, versão destinada a conquistar adeptos do *impeachment* nas fileiras oficiais.

**N**ardes à parte, há em Brasília dúvidas sobre a decisão final do TCU. Em um órgão de acento político, com ministros na maioria indicados pelo Congresso, há pressões de todos os lados. Se o primeiro escalão de Dilma frequenta a Casa, o mesmo fizeram líderes oposicionistas como Aécio e o ruralista Ronaldo Caiado. Quem conhece o TCU por dentro vê o órgão cada vez mais inclinado à posição da opinião pública midiática e da enxurrada de e-mails enviados aos gabinetes, todos pela rejeição das contas de Dilma. Estaríamos, em suma, em vias de assistir à reedição do espírito dominante no julgamento do “mensalão” do PT no Supremo Tribunal Federal. No Planalto, admite-se que se o TCU tomar uma decisão política, não será a favor da presidenta.

O tribunal, a propósito, tem seus próprios problemas para cuidar. Seu presidente, Aroldo Cedraz, vê o filho Tiago na mira da Lava Jato, suspeito de receber mesada de uma empreiteira. O

## O ESTADISTA QUE FALTA

O candidato a ocupar a lacuna política deveria reunir os talentos de cinco arcanos: **Papisa** (intuição, paciência, influência), **Imperatriz** (Influência solar intelectual), **Imperador** (estabilidade, consistência, autoridade), **Papa** (Dever, moral, consciência) e **Temperança** (Serenidade, harmonia). Quem se habilita? Notem que o Tarô não tem uma carta chamada Príncipe, sociólogo ou não

recém-chegado Vital do Rêgo assiste ao renascimento de uma antiga acusação de ter feito campanha ao Senado em 2010 com verba desviada de Campina Grande, na Paraíba, no tempo em que seu irmão era prefeito da cidade.

Em sua centenária história, só uma vez o TCU aprovou relatório contrário às contas de um governante. Foi em 1937, com Vargas no poder pelas urnas, mas às vésperas de se tornar um ditador. O parecer acabaria anulado no Congresso. O caminho não é tão simples, porém. Se os ministros da Corte reprovarém os gastos, o caso seria analisado por uma comissão mista de deputados e senadores. Mesmo o mais pessimista



dos governistas não acredita em uma vitória fácil da tese pelo afastamento de Dilma nesta etapa. Se ainda assim a posição do TCU vier a ser mantida, a decisão seria tomada no plenário da Câmara e, depois, do Senado. Para abrir um processo de *impeachment* é necessário o apoio de dois terços dos deputados.

**E**ntre os brasileiros, 71% desaprovam o governo e 62% apoiam o *impeachment*, segundo pesquisa MDA realizada em meados de julho por encomenda da Confederação Nacional dos Transportes. Os problemas na economia, diz Marcelo Souza, diretor do instituto, derreteram a imagem de Dilma e pesam mais na baixíssima aprovação do governo do que a crise política. Daí para o apoio à troca de governo, um pulo. Talvez seja como disse há pouco o ex-ministro Ciro Gomes, ao sustentar que haverá resistência social à tentativa de depor Dilma. “A população tem de entender que *impeachment* não é remédio para governo que a gente não gosta. *Impeachment* é para governo que comete crime.”

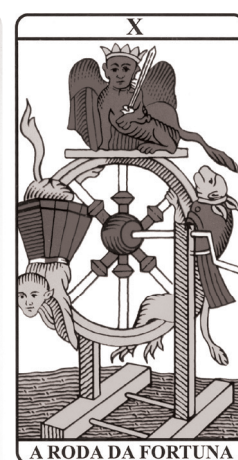
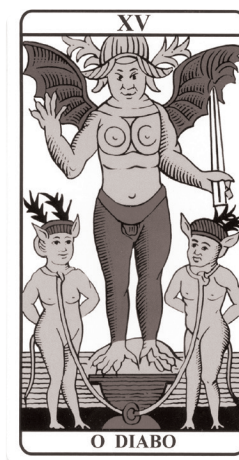
No Planalto, um ministro considera o apoio ao *impeachment* um dado alarmante. O monitoramento das articulações na internet das passeatas anti-Dilma está a pleno vapor. Os principais fomentadores e atos programados já foram identificados, mas ainda não há palpites sobre o tamanho das marchas. Só a certeza de que quanto mais gente na rua, mais o Congresso ficará tentado a descolar-se de um governo impopular, sobretudo com eleições municipais no próximo ano.

Para enfrentar as emoções à vista, o Planalto montou uma espécie de kit de sobrevivência. De um lado, negociações destinadas a desfazer o mau humor parlamentar com o governo, incluída a distribuição de cargos. Em entrevistas nos últimos dias, o chefe da Aviação Civil,

Eliseu Padilha, deu verdadeiras aulas sobre o toma lá dá cá do qual se tornou um perito nos tempos de ministro dos Transportes de Fernando Henrique Cardoso. Munido de mapas com a fidelidade da base aliada no primeiro semestre, Padilha avisou: quem não cumpriu a palavra não terá cargo.

O Planalto também bolou ações para tentar melhorar a popularidade de Dilma e mostrar alguma força política. Nos últimos dias, a presidenta gravou cinco vídeos para veiculação semanal nas redes sociais durante o mês. O primeiro foi ao ar na quarta-feira 29 e exibiu comentários a respeito da participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos. No dia seguinte, ela atraiu ao Palácio da Alvorada 26 governadores e um vice para uma reunião sobre os rumos do País e sobre parcerias entre Brasília e os estados, uma tentativa de mostrar liderança. Em breve, fará um giro pelo Nordeste, para visitar ou inaugurar obras. Faz sentido. A região é a mais receptiva ao governo e ao PT. E todos os governadores nordestinos assinaram um manifesto no qual afirmaram ser “incabível qualquer tipo de interrupção do mandato da presidenta Dilma Rousseff, já que não há motivo jurídico para tanto”. Além disso, Dilma se reunirá com representantes de movimentos sociais.

**P** principal intermediário entre o Palácio do Planalto e tais movimentos, o secretário-geral da Presidência, Miguel Rossetto, reconhece: haverá um aumento da tensão política. Segundo o ministro, existe uma equação não resolvida desde o fim da eleição. A luta continuou, mas só de um lado, aquele do adversário. “Há hoje uma oposição mais venezuelana, mais aventureira, que busca impedir o governo de governar.” Um cenário agravado, reflete, por uma inédita hostilidade



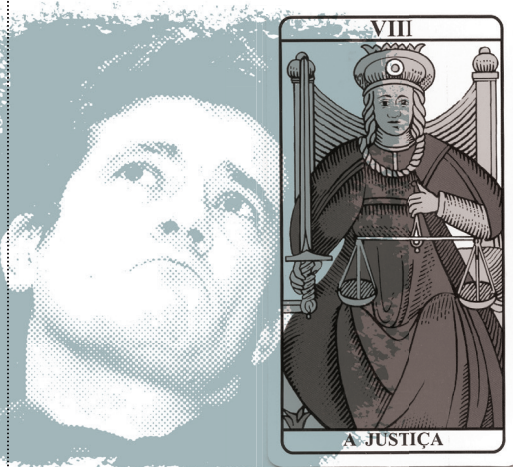
da Câmara e do Senado em relação ao Planalto. Apesar disso, Rossetto acredita que o mandato da presidenta não corre riscos. “O *impeachment* é uma tese derrotada social e politicamente.”

A principal razão para a ausência de um dos times após a eleição foi a guinada conservadora de Dilma na economia. Com Joaquim Levy e o ajuste fiscal, a presidenta fez o contrário do que



### JUSTIÇA

É tenso o equilíbrio entre a ordem e a desordem, a promessa e a ameaça, a vida e o temor





prometeu durante a campanha, um claro estelionato eleitoral. No início do ano, com o *impeachment* a rondar mentes tucanas, inexistia disposição dos movimentos sociais ligados ao PT de ir às ruas a favor do governo. Agora, o clima mudou. Não por rendição à política econômica, mas por um sentimento legalista. “Saíremos às ruas para defender a democracia e o mandato, não tenha dúvida. Quem quiser mudar o governo que espere a eleição”, afirma o presidente da CUT, Vagner Freitas.

Um sinal da capacidade de mobilização contra o *impeachment* será visto às vésperas dos protestos “Fora Dilma”. Manifestação de camponesas em Brasília organizada a cada quatro anos pela Contag, a Marcha das Margaridas 2015 será realizada em 11 e 12 de agosto com uma pauta ampliada. A defesa da democracia está entre as reivindicações de praxe. No dia 20, depois do “Fora Dilma”, entidades como CUT, MST, UNE, MTST e Levante Popular prometem manifestações em seis ou sete capitais para cobrar mudança na política econômica e defender a democracia.

Em Brasília, comenta-se que a base social histórica do PT está de prontidão graças ao ex-presidente Lula. Nos últimos dias, circulou a notícia de que ele teria solicitado a amigos em comum

❧

**O BRASIL**

Independentemente do desfecho da crise política, o País vive a **Roda da Fortuna** (instabilidade, riscos), encontra-se com **o Diabo** (complicações) e com **a Morte** (prazo fatal, xeque-mate inevitável, mas não provocado pela vítima). Tudo isso pode levar a um processo diametralmente oposto ao atual. O arcano **Mundo** traz alguma esperança. Significa ruína, revés. Ou recompensa, apoteose

❧

que procurassem FHC para marcar uma conversa. A história não é bem essa. A iniciativa partiu do tucano. Foi ele quem pediu a dois conhecidos comuns que sondassem o petista. Depois de certa relutância, Lula impôs condições. Seria na casa de um dos interlocutores e na presença deste. Em viagem, FHC sinalizou que o encontro poderia ser marcado na sua volta. Antes disso, porém, a história vazou à mídia em uma versão favorável ao tucano. Enquanto ministros petistas saudavam a ideia, lideranças do PSDB aproveitaram para tripudiar e estimular a percepção de que Lula e o PT estão desesperados.

O episódio serviu aos interesses de Aécio, que anda preocupado em se contrapor à ala paulista do tucanato. Enquanto o senador empenha-se em jogar álcool na fogueira, os líderes do partido em São Paulo, a começar pelo governador Geraldo Alckmin, querem esfriar os ânimos. Alckmin sonha em ser presidente e, por isso, precisa de um cenário de normalidade, com eleições só em 2018. O mesmo vale, talvez, para o governador de Goiás, Marconi Perillo. Não por acaso, conta um ministro, o paulista e o goiano tornaram-se interlocutores de emissários

petistas e palacianos interessados em acalmar a situação.

Entre intelectuais próximos do tucanato, há quem não enxergue condições de levar adiante o afastamento de Dilma, ao menos por ora. É o caso do sociólogo Brasília Sallum Junior, amigo de FHC e autor do recém-lançado *O Impeachment de Fernando Collor*. No livro, cuja orelha foi assinada pelo ex-presidente, o professor descreve a deposição de Collor como resultado de uma afirmação do Congresso ante um mandatário que desprezava o Legislativo, da mobilização por parte de entidades organizadas e do consenso em torno do vice, Itamar Franco. Uma combinação inexistente hoje, como o sociólogo tem destacado em entrevistas, embora tucanos ligados a Aécio tentem desfazer um dos nós, ao apontar a realização de nova eleição como solução pós-*impeachment*. E o atual vice, Michel Temer, não parece disposto a repetir o papel de Itamar, apesar do estímulo de certos setores.

Com tamanho acúmulo de situações agudas, agosto testará a estabilidade das instituições políticas do País, na avaliação do presidente da Associação Brasileira de Ciência Política, Leonardo Avritzer. Desde a redemocratização, diz, nunca tantas instituições estiveram envolvidas em um impasse dessa magnitude. Não há registro de uma crise simultânea na Câmara e no Senado, provável consequência das denúncias criminais contra políticos em decorrência da Operação Lava Jato. Por isso, analisa Avritzer, fica difícil prever um desfecho, dependente de três variáveis. A permanência de Cunha à frente da Câmara, a gana da oposição após as manifestações de 16 de agosto e a postura de Dilma perante a opinião pública. Para ele, uma coisa é certa. “*Impeachment* é uma questão política e legal que também exige base moral. Não me parece haver nem base política nem base moral para este Congresso cassar hoje a presidenta.” •

